

Afinal, um porto seguro

O consultor de vendas Miguel Rodrigues, 25, que há sete anos decidiu fazer a transição de gênero, também passou por situações nada agradáveis em empresas de Brasília. Ele conta que chegou até mesmo a ser impedido de utilizar banheiros em shoppings onde trabalhou. Maranhense de Imperatriz, veio para Brasília aos 14 anos, por não encontrar apoio nem mesmo da própria família em sua terra natal. “Aqui conclui meu ensino médio e fui aprovado para o curso de letras na Universidade de Brasília, mas tive que trancar a matrícula para buscar trabalho e sobreviver”, diz.

Essa decisão, segundo ele, foi crucial para encarar o mundo com outros olhos. “Foi um processo que me machucou bastante. Em entrevistas, mesmo sendo muito comunicativo, confiante e aberto a possibilidades, me sentia desconfortável por certas exigências, como uso de maquiagem e roupas femininas. Passei por situações muito desconfortáveis, constrangedoras. Sofri muito abuso psicológico”, diz.

Há um mês, Miguel foi convocado para trabalhar como vendedor em uma loja da TIM em Brasília, por meio do programa de diversidade e inclusão. Agora considera ter encontrado, enfim, um porto seguro. Casado há sete anos, ele pretende levar adiante a ideia de constituir família e ter, pelo menos, quatro filhos, proporcionando a eles uma educação livre

Carlos Vieira/CB/D. A Press



O consultor de vendas Miguel Rodrigues: “Sofri muita discriminação e assédio moral”

de preconceitos. Além do emprego, ele foi beneficiado pelo programa de apoio da empresa, que garantirá a graduação em uma faculdade, no curso de relações internacionais.

Miguel é mais um a considerar que o mercado não está preparado para

abrigar pessoas trans. “Com raras exceções, não observamos o cuidado necessário entre as empresas, a aceitação devida. Motivos não faltam para que muitos trans tenham receio de tentar uma vaga, sobretudo por medo do preconceito e da resistência”, afirma.

Negra, trans e candomblecista

A arte-educadora brasiliense Íagûara Flor, 29, iniciou seu processo de transição em 2016, ao participar dos movimentos de ocupação no Ministério da Educação (MEC) e na Universidade de Brasília (UnB). Recorreu a auxílio psicológico e todas as possibilidades de tratamento para atingir seu propósito.

Negra, filha de militar pastor evangélico e candomblecista, Íagûara passou por percalços jamais imaginados. Após tentativas malsucedidas para se colocar no mercado de trabalho, decidiu investir na gestão da própria carreira. “Chegaram a exigir que eu mudasse a forma de me vestir, de arrumar meu cabelo e até mesmo usar maquiagem mais clara, que escondesse a minha cor e não revelasse a minha religião. Sem contar os episódios de racismo estrutural, velado, silencioso”, conta, revelando que somente há pouco tempo obteve o apoio total da família, exceto do pai, que sempre foi distante.

Primeira entre quatro irmãos a cursar uma universidade, se graduando em música pela UnB, ela revela que a conquista do diploma foi fator decisivo para sua aceitação no seio familiar. “As pessoas costumam dar mais valor para títulos, status. Tive que conquistar minha independência financeira para, enfim, me impor”, diz a artista independente, que já

Arquivo pessoal



Íagûara Flor, trans, negra e seguidora do Candomblé: “Enfrentamos perrengues”

tentou lecionar em escolas, mas encontrou como única saída as aulas particulares. “Tentaram, de toda forma, invisibilizar a minha existência, a minha forma de ser. Infelizmente, o mercado de trabalho para pessoas trans se torna oportunista, nada acessível”, lamenta.

Para ela, a implementação de políticas públicas voltadas à população LGBTQIA+ foi um grande avanço, mas ainda há muito o que conquistar. “Não dá para

parar por aqui. É imprescindível que haja formulação de políticas públicas mais abrangentes e efetivas, que humanizem a nossa existência”, afirma. Sobre o tratamento dispensado à população trans no mercado de trabalho, resume: “Quem perde não é a gente, mas quem nos despreza. Afinal, também somos família, enfrentamos perrengues, temos contas a pagar e, acima de tudo, somos mão de obra qualificada.”

Empresas se alinham para corrigir falhas

A empresa de recrutamento e seleção, 99jobs — HRTech, convidou várias companhias para participar da ação Trans_borda, promovida recentemente, buscando pessoas capacitadas para assumir vagas de emprego abertas em todo o país. A ação reuniu 200 pessoas interessadas em buscar empregos em corporações que promovam equidade, inclusão e diversidade.

Gerente e embaixadora de Diversidade e Inclusão na Via Varejo (Casas Bahia), Amanda Ferreira observa que a iniciativa proporciona direito ao trabalho, com dignidade e afeto. “A Via tem mais de 3 mil vagas abertas e estamos trabalhando em todas as diversidades já nas fases de recrutamento. Eventos como esse contribuem para a maturidade das empresas na pauta”, ressalta.

Com 50 vagas abertas em todo o país, a multinacional Mondelez, que aderiu à cultura de acolhimento e inclusão permanentemente, também apresentou proposta no evento. “É um compromisso claro e efetivo, um passo crítico e importante que vai ajudar a catalisar o processo de reparação histórica contra a discriminação, violência e oportunidades negadas a comunidade trans”, diz Jorge Morato, diretor da empresa.

A 99jobs inseriu em seu processo de recrutamento dados de diversidade na etapa de cadastramento dos candidatos, alcançando, em 2021, aumento de 20% na contratação de mulheres cis e pessoas trans. Os novos campos permitem que o candidato informe o nome social, orientação sexual, identidade de gênero e pronome, e a plataforma já registra 13 mil interessados.

De acordo com a empresa, o banco de informações de diversidade foi desenvolvido com o propósito de impulsionar oportunidades mais afirmativas, que gerem espaços inclusivos no mercado de trabalho. “Nosso objetivo é promover equidade. Trabalhamos para que nosso algoritmo não reproduza preconceitos históricos”, afirma Eduardo Migliano, cofundador da empresa.

Na semana passada, o Itaú Unibanco abriu inscrições exclusivamente para pessoas trans, por meio do programa que visa identificar e lapidar talentos, além de promover a diversidade. Com duração de cinco semanas, a instituição promoverá aulas ao vivo e on-line para a formação técnica de 14 analistas. Os aprovados serão contratados como colaboradores para, em seguida, integrarem a equipe de operações e atendimento. Será a segunda turma do projeto composta apenas por pessoas trans. As inscrições podem ser feitas até o dia 22 de julho, sem exigência de experiência profissional anterior.